

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ADELAIDE CRISTINA IVI FERNADES TEIXEIRA

**NÍVEL SUPERIOR**  
**UM SONHO QUE PARECIA IMPOSSÍVEL**

CAMPINAS

2005

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ADELAIDE CRISTINA IVI FERNADES TEIXEIRA

**NÍVEL SUPERIOR**  
**UM SONHO QUE PARECIA IMPOSSÍVEL**

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia – PROESF – Programa Especial para Formação de Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas da Faculdade de Educação da UNICAMP, como um dos requisitos para conclusão da Licenciatura em Pedagogia.

CAMPINAS  
2005

À Deus,  
A minha sogra Maria,  
Ao meu filho Lucas,  
Meu marido Nilton,  
Meus pais e irmãos.

# AGRADECIMENTOS

Ao Senhor Jesus Cristo, meu Senhor,

À minha sogra Maria,

Aos meus pais e irmãos

Ao meu filho Lucas

Ao meu marido Nilton

As minhas amigas, em especial, Regina, Sandra e Ely,

Aos professores, em especial professora Vera Leone e Professor Odair.

À Prefeitura Municipal de Jaguariúna e a Secretaria de Educação.

# APRESENTAÇÃO

Através deste trabalho final, venho relatar minhas experiências de vida, relacionando-as com minha prática pedagógica e meu processo enquanto estudante universitária. Procurei estabelecer relações entre a prática e a fundamentação teórica adquirida nesse processo de formação.

Foram várias as disciplinas a que tive acesso nesse período de três anos, porém algumas tiveram um significado maior para mim, enquanto educadora.

Portanto, este trabalho foi elaborado a partir da reflexão e estudo nas seguintes disciplinas :

“Educação e Tecnologia”, “Pensamento Sociológico e Educação”, “Pensamento Psicológico e Educação”, “Avaliação” e “Educação da Criança de 0 a 6 anos”.

Dentre essas disciplinas procurei especificar onde e como as mesmas contribuíram para enriquecer e orientar meu processo enquanto educadora e estudante.

Relatei, tanto em “Educação e Tecnologia” quanto em “Educação da Criança de 0 a 6 anos”, o reflexo que algumas leituras e vivências me propiciaram um novo olhar sobre a educação .

Porém, minha reflexão foi mais profunda com base nas disciplinas “Pensamento Sociológico e Educação”, “Pensamento Psicológico e Educação” e “Avaliação”.

O presente trabalho, portanto, aborda os aspectos sociais, psicológicos e avaliativos no contexto escolar.

Foram três longos anos de formação e o que ficou é a certeza de que meu conhecimento, enquanto profissional e estudante, foi largamente ampliado e que apesar de ter conseguido sanar várias dúvidas presentes no meu cotidiano, ainda tenho muito o que aprender e refletir...

Concluo essa apresentação com a seguinte citação:

“...há um passo extremamente necessário, possivelmente árduo, que é estudar. Levantar questões desafiadoras, 'desequilibrar', requer domínio dos conteúdos de ensino; além disso, exige que se conheça o desenvolvimento cognitivo dos alunos a fim de que os desafios que se venha a lhes propor não se torne fonte de frustração pela impossibilidade de resolvê-los. Para isso, é preciso conhecer as teorias, saber como pensa o aluno, que hipóteses contrói. Sem saber, como seria possível intervir?” (Sanny, S. da Rosa, pag.60).

## MEMORIAL

### Nível Superior: “Um sonho que parecia ser impossível”

Quem diria que, eu, Adelaide, um dia estaria cursando uma Universidade como a que estou concluindo ?

Tantas foram as rejeições, tantas falsas concepções programadas no decorrer de minha vida....

Fui excluída tantas vezes que cheguei até a acreditar que meu lugar era mesmo em um canto qualquer...

Quando cursei o magistério, eu não entendia o porque das divisões dentro da sala de aula.

Minhas professoras, em sua grande maioria, olhavam-nos de forma diferente.

Havia um grupo de moças que pertencia à uma classe social alta e outro grupo que pertencia à classe social média.

Eu, é claro, pertencia ao grupo social de classe média.

Se pudesse, apagaria aqueles momentos onde tanto sofri.

Estágios ? Só sob indicação.

Substituições ? Já tinha as pessoas ‘indicadas’.

Emprego ? Cadernos com listas de espera ou indicação vinda de uma pessoa do alto escalão.

Orientações ou incentivos para cursar o nível superior ou especialização ? Imagine !

Sinceramente, me sentia como o menino, citado no texto de Margareth Brandini, “Caminhos entre a prática e a reflexão”, um menino que carregava tantos rótulos que

o mundo adulto lhe havia imposto, acabava por isolar-se para auto-proteção, longe dos olhares vigilantes.

Só conseguindo libertar-se em uma sala sozinho, diante de um espelho....

Foram longos anos de espera até encontrar essa sala com um espelho, onde eu pudesse me descobrir e vivenciar experiências que provariam que meu lugar não era em um canto qualquer não!.

Essa sala, esse espelho, foi o meu ingresso em uma Universidade, que só de citar o nome transforma os olhares da indiferença para o espanto e a admiração.

É como se antes de ser uma universitária, eu fosse alguém simples, comum, descartável e depois no papel de estudante de uma Universidade de renome, minha personalidade se transformasse...sabe... um brilho diferente.

Se, para mim, uma mulher de 35 anos, foi tão árduo romper com os rótulos ao longo desses anos, eu fico pensando como deve ser difícil para as pessoas que não possuem um suporte acadêmico...

Ora, eu, uma professora, tinha em meu lar a fala constante do meu filho que dizia ser impossível me ver sendo aprovada em um concurso ou vestibular.

Pois é! Sendo rotulada até mesmo dentro do meu lar!

Mas, o que será que levou meu filho a desenvolver essa visão distorcida sobre minha capacidade intelectual ?

Que concepções estavam sendo formadas em sua história de vida ?

Ou será que eu mesma de tanto aceitar aqueles rótulos de incapacidade, de inferioridade e de que só aqueles pertencentes às classes altas tinham os recursos necessários para vencer, acabei por passar toda essa 'bagagem' para meu filho ?

Ora, eu me casei aos dezessete anos.

Era uma moça tímida e com poucas experiências de vida.

Nunca havia trabalhado, pois não conseguia um emprego no período inverso ao que estudava.

Fiquei grávida aos dezoito anos de idade.

Concebi um menino maravilhoso!

Decidi tentar o vestibular para o curso de letras e consegui.

Mas...não consegui concluir, pois era muito ligada ao meu filho.

Então, fiquei por um período de dez anos cuidando apenas do meu lar.

Dedicava minha vida ao meu marido e ao meu filho.

Em 1997 prestei um concurso pela prefeitura de Poços de Caldas.

Fui classificada no final da lista.

Aguardei por um ano para ser convocada para lecionar.

Nessa época, meu filho já estava com oito anos de idade. Creio que a construção do pensamento dele sobre mim começou nesse período.

Eu não conseguia passar uma imagem confiante para meu filho ou qualquer outra pessoa...

Todas as minhas primas já haviam cursado nível superior e trabalhavam em escolas e empresas de renome.

Eu me sentia uma formiguinha perto delas.

Tanto que, quando fui convocada pela Prefeitura de Poços de Caldas para assumir uma 4<sup>a</sup>. Série, minha prima falou que eu não aguentaria nem ao menos 15 dias.

Sim! Foi exatamente essa sua fala que me motivou a mostrar que eu conseguiria.

Por fora, aparentava confiança, por dentro estava desmoronando... não acreditava no meu potencial.

Para piorar, assumi uma sala em maio, onde cinco professoras já haviam desistido de lecionar, devido ao grande número de alunos problemas.

Jovem e imatura, não tinha idéia do que me esperava...

As primeiras semanas foram surpreendentes: alunos jogando carteiras uns nos outros, brigas de murros e ponta-pés, palavrões de todo escalão proferidos em alto e em bom som.

Testaram-me de todas as formas!

Minha rotina em sala era acompanhada por 'musica ambiente'; alunos com apitos sentados em suas carteiras como se estivessem em qualquer lugar, menos em sala de aula.

Para completar... vários alunos em fase inicial de alfabetização.

Apesar de não acreditar no meu potencial, eu consegui!

Ao final daquele ano letivo, eu havia conquistado cada uma daquelas crianças.

Era amada por eles e eu os amava também.

Nenhum aluno foi expulso ou suspenso enquanto estavam comigo e isso, é claro, custou-me várias noites com insônia e muitas crises de choro e desespero, sem contar as enfermidades (pedras nos rins e dores lombares).

Mesmo depois de ter passado por essa experiência tão marcante, eu ainda carregava aqueles rótulos... inferioridade, insegurança e incapacidade.

Posso afirmar sim, que a maior responsável por essa impressão negativa que meu filho sentia por mim, foi causada por mim mesma.

Portanto, minha carreira profissional começou em 1998, aos vinte e oito anos de idade.

Em 2000, nos mudamos para a cidade de Jaguariuna e consegui novamente ser aprovada em um concurso para professores em dezembro de 2001.

Fui convocada logo na primeira turma.

E logo iniciei o curso de pedagogia pelo PROESF.

Foi a minha LIBERTAÇÃO!

Meu despertar teve origem durante minha vida “acadêmica”.

A começar pelo processo seletivo...Quem diria? Uma mulher cheia de medos, recusas, receios e bloqueios, conseguir ser aprovada entre os primeiros ?

Sim! Sim! Sim! Fui aprovada e desde esse dia, minha visão foi sendo transformada.

Desde esse dia meu filho mudou completamente.

Hoje, ele sente muito orgulho de mim.

Faz questão de mencionar que sua mãe é uma universitária, só para poder responder à pergunta:

- Em qual faculdade ?

- Na Unicamp !!!

- Hoooooooo!!!

Pela primeira vez senti que eu, realmente, tinha valor.

Ao longo desses 3 anos, conheci tantas pessoas, professores, palestrantes...

Eu não tinha idéia do quanto iria aprender, descobrir e vivenciar.

Era tão estranho... ser professora de manhã e aluna à noite.

Experiências que eu vivenciava com meus professores, faziam me reportar diretamente aos meus alunos.

Sim, me colocar no papel de aluna para poder compreender o processo de construção de meus alunos.

O cansaço, o medo, a vergonha, a angústia, a indisciplina, a recusa, a timidez...

Em todos os momentos era como se eu estivesse em dois lugares ao mesmo tempo.

Se estiver participando de uma longa aula expositiva, sentia na pele o quanto era difícil para meus alunos permanecerem sentados, ouvindo ou copiando.

‘Aproveitar até o último minuto de aula’.

‘Não perder tempo, pois os conteúdos deveriam ser aplicados’.

Pude perceber o quanto meu ensino era tradicional.

E quando eu passava por conflitos emocionais ? Meu Deus! Como era difícil conseguir me concentrar e prestar atenção à minha professora.

A todo o momento meus pensamentos estavam fora da sala de aula.

Hoje, quando percebo que uma criança não está se sentindo bem, olho para ela com outros olhos.

Fiquei muito mais sensível, compreensiva e amorosa.

E os trabalhos em grupos ? Nossa! Como era bom poder dividir com as colegas o conhecimento e as dificuldades.

Reportava-me para minha classe, onde antes, eu preferia que trabalhassem individualmente para não fazerem bagunça.

Imagine só! Se para mim era gratificante trocar idéias no meu grupo, como privar meus alunos desses momentos ?

Sem falar na postura de minhas professoras...

Tantas diferenças, tantos temperamentos, posicionamentos e estratégias.

Realmente, ao voltar para o papel de aluna, pude desenvolver uma sensibilidade muito maior. Afinal ‘estávamos todas no mesmo barco’.

Em uma palestra nas ‘Atividades Culturais’, achei muito significativo o que a palestrante daquele dia falou, quando citou **Vygotsky**:

*“Para se conhecer e se compreender a deficiência é preciso conhecer a história do aluno”.*

Entender a criança, sabendo que ela tem sua vida focada, tantas vezes, em situações dramáticas.

Antes de ser aluno, a criança é um ser repleto de emoções.

Portanto, se há algum distúrbio, seja de conduta ou cognitivo, existe uma história.

Algo foi construído, ou melhor, destruído na vida dessa criança, que a levou a ter as atitudes que tem, a ser como ela é.

Mudança de comportamento e postura não são tão simples.

Nosso olhar sobre essa criança deve ser sensível, profundo, pois um simples detalhe pode ser o começo de um processo de reconstrução.

Nesse período de 3 anos em formação, posso afirmar que entrei várias vezes em conflitos interiores.

Estou fazendo tudo errado?

Qual a concepção que está por detrás de minha prática ?

A que estou dando mais importancia ?

Ao conteúdo ou à construção diária ?

Onde estou e para onde estou indo ?

Qual é o meu papel na vida dos meus alunos ? E na minha escola ?

Tenho servido de extensão da cultura dominante ?

Realmente, nossa prática reflete nossa concepção e ao revelar nossa concepção compreendemos nossas escolhas educativas.

A base que eu mais necessitava, só vim a alcançar na Universidade.

Conhecia tão pouco... e de repente me vi rodeada de informações, oriundas de tantos pensadores...Aquino, La Taille, Hojonquieré, Rego, Piaget, Vygotsky, Morin...

Cito o que mais me marcou, em Morin:

*“Enfrentar as indisciplinas da vida, exige dos profissionais da educação uma nova postura, democrática, dialógica, que entenda os alunos não mais como sujeitos subserventes ou como adversários que devem ser vencidos ou dominados. O caminho é conhecer os alunos como parceiros de uma caminhada política e humana, onde as relações na escola devem ser vistas à partir do respeito mútuo, da diversidade de interesses pessoais e coletivos valorizados, buscando construir uma realidade que atenda aos interesses da sociedade e de cada um de seus membros.*

*A raiz do problema está na própria concepção do que é educação, de qual é o papel da escola na sociedade e de como devem ser constituídas as relações professor-aluno em frente a um mundo que está se transformando com a conscientização da importância da liberdade, justiça e respeito aos direitos e deveres individuais e coletivos". (Morin – Disciplina ou Indisciplina em sala de aula? Qual é o problema? Como resolvê-lo?).*

Em contato com Morin pude me ver mergulhando em águas cristalinas, onde poderia libertar-me, deixando-me levar pelas reflexões que tanto colaboravam para minha transformação.

Consegui me reportar novamente para o ano de 1998, naquela 4<sup>a</sup>. Série.

Pude ver La Taille, onde os alunos não sentiam vergonha do seu comportamento, da construção positiva ou não, e de como o professor (antes de mim...) não representava legitimidade para eles.

O maior prazer deles era ver o professor ficar vermelho e perder o controle caindo em prantos porta a fora...

Pude ver Lajonquieré, onde não se enxergava o aluno como um ser complexo, mas sim como um ser para ser moldado na forma 'ideal'.

Pude ver Aquino, onde esses alunos já haviam por contextos sócio-históricos, tanto na vida familiar, como na escolar, envolvidos em autoritarismo aliado à carencia psíquica. Onde o que faltava era o vínculo entre as partes envolvidas, com novas estratégias, experimentações e diálogos.

Pude ver Rego, na perspectiva Vygotskana, onde aqueles meninos não eram vistos como questionadores, mas sim como seres incapazes de viver em grupo, de dialogar e compartilhar.

Isso Mesmo! Aquela classe já carregava o rótulo da indisciplina, sem a menor possibilidade de transformação.

Na realidade, aqueles meninos foram constituídos por regras impostas sem diálogos. Não eram vistos até aquele momento como seres complexos, indagadores, desafiadores, inteligentes e sedentos de atenção e referenciais para optar com justiça e união.

Que ponto de vista estava sobre esses meninos ?

Talvez o defendido por B.J. Skinner, onde a criança é um adulto em miniatura, que precisa ser inflamado e preenchido com experiências e informações para tornar-se o adulto completo ?

Ou defendido por J.Piaget, onde a criança é um ser com características especiais, fisiológicas, psicológicas e intelectuais, que evoluem no decorrer dos anos, passando por estágios qualitativamente diferentes ?

As idéias desenvolvidas com os alunos eram inacessíveis a eles, por envolverem operações mentais complexas, que o cérebro não estaria preparado para desenvolver ?

Ou é a característica de nossos currículos escolares que exibem uma proposta pragmática e metodológica padronizada, igual para todos, sem respeitar as diferenças ?

Não sei...quem sabe uma mistura de concepções ?

Infelizmente, fomos formados para ensinar pessoas que aprendem da forma que ensinamos, sendo que a realidade é outra...

Primeiro, temos classes superlotadas, segundo, temos classes heterogeneas e por último classes com alunos em faixas etárias diferentes, devido às reincidentes repetências.

Ora, eu não fui preparada para isso!

Quando cursei o magistério, meus professores faziam parte de um sistema tradicionalista, portanto essa foi a formação que recebi e que passei a transmitir.

O que vivemos na realidade, é bem diferente.

Aprendi a trabalhar, trabalhando !

Posso afirmar que meus alunos são parte fundamental no meu processo de construção.

Com eles aprendi que cada um tem um ritmo individual para conquistar o conhecimento, que é possível ter muitos ganhos em uma sala heterogênea, utilizando o trabalho com parcerias, deixando de ser a personagem principal, para passar a ser a mediadora.

*“Ao professor não cabe dizer: Faça como eu, mas faça comigo...O diálogo do aluno é com o pensamento, com a cultura corporificada nas obras e práticas sociais e transmitidas pela linguagem e pelos gestos do professor, simples mediador” (Chauí, M., 1980:39)*

Portanto, como continuar fazendo parte de modelos conservadores ?

Pois o único resultado que teremos através das teorias pedagógicas conservadoras (tradicional, pedagogia nova e a tecnicista) é a decepção.

Não existe a idéia de uma classe com crianças sentadinhas, quietinhas, passivas e prontas para aprender!

Mas por mais que busquemos ser aquele que auxilia e busca o ponto de partida, à partir do que a criança já sabe, acabaremos indo de encontro com as concepções plantadas desde nossa época escolar.

Por que é tão difícil mudar ?

Estamos acostumados com uma sociedade onde existem três culturas: a dos que mandam (cultura dos adultos), a dos que obedecem (cultura infantil) e a dos cientistas (cultura da palavra escrita).

Portanto, é comum a angústia que vivemos, pois nos surpreendemos, sendo educador e adulto, mandando e esperando que as crianças cumpram as normas exigidas.

Ao mesmo tempo, nos vemos como pesquisadoras, lendo, refletindo, questionando, recorrendo a outros formadores, que nada mais refletem, do que as lacunas entre as práticas e os anseios por mudanças, que dependem do “eu e do outro”.

Sendo assim, é uma ilusão pensar que a escola não é um reflexo da sociedade, somos quase que forçadas a seguir regras estabelecidas no meio social em que vivemos.

*“As escolas nada mais são do que o resultado de uma evolução não conflitiva e baseada em consensos generalizados, sendo um produto provisório de uma longa cadeia de conflitos ideológicos, organizativos e, em um sentido mais amplo, sociais”. (Enguita, M.J. – A face oculta da escola).*

Para mim, o que me deu estrutura para poder iniciar minha jornada de transformação, foi o que vivi e experimentei na universidade.

Estar cursando um nível acadêmico me possibilitou entrar em contato com um suporte teórico que eu desconhecia e dificilmente teria acesso.

As disciplinas que mais me marcaram e possibilitaram um despertar foram: Tecnologia, Sociologia, Psicologia, Avaliação e Educação de 0 a 6 anos.

Cito aqui, minha professora querida Vera Leone.

A conheci quando iniciamos a disciplina Pensamento Sociológico e Educação.

Suas aulas eram o exemplo vivo de alguém que além de amar o que faz, sabe porque o faz!

Através dela, conheci Emile Durkheim, Weber, Karl Marx, Chauí e muitos outros...

Pude então entender o porque dos uniformes, filas, carteiras infleiradas... enfim... ordem e disciplina na escola.

O mais interessante era participar da aula à noite, estudando por exemplo, Durkheim e trabalhar de manhã, vendo diante dos meus olhos, o retrato falado por ele, onde a educação realiza a socialização metódica, incluindo controlar e limitar o desenvolvimento humano... (Tura, M. – Durkheim e a Educação).

*“Nas sociedades modernas não é mais possível deixar que a criança busque mais espontaneamente o que precisa aprender para se preparar para a vida futura. Ao contrário, a criança irá precisar ser submetida a alguma coerção para que adquira o espírito do trabalho e do esforço necessário à vida moderna”.* (Tura, M. – Durkheim e a Educação).

*“...A autoridade é essencial para conter as forças rebeldes”.* (RM, p.36)

Se na nossa sociedade não houve mudanças, a escola acompanha a mesma ordem...

Não há igualdade social de oportunidades.

Difícilmente um filho de operário terá oportunidade de cursar um nível universitário.

Vivemos em uma sociedade capitalista, onde a escola divide as crianças, porque a divisão capitalista do trabalho exige que os trabalhadores intelectuais sejam separados dos trabalhadores manuais.

O retrato que temos da sociedade atual é a divisão capitalista do trabalho, a exploração dos trabalhadores, a desqualificação do trabalho, o temor do desemprego... enfim, a diferença de classes, o domínio do forte sobre o mais fraco.

Pouco mudou, não é mesmo ?

Também não poderia de citar as dinamicas que tivemos envolvendo vídeos.

Foram momentos de prazer! Aprender com significado.

Em todas as disciplinas tivemos contato com filmes ou reportagens.

A aula que mais me marcou foi, novamente, com a professora Vera Leone.

Ela trouxe um vídeo do Pink Floyd chamado 'The Wall'.

Depois dessa aula, meu olhar nunca mais voltou a ser o mesmo.

Já tinha assistido esse vídeo, mas como entretenimento somente, pois gostava das músicas do grupo.

Como foi surpreendente para mim, poder assistir com outro olhar.

Minha consciência foi despertada, a fim de descobrir o que move, o que está por trás de um filme, um comercial, uma música.

As cenas mais fortes foram quando o menino ficou no túnel da linha ferroviária e passou um trem cheio de crianças. Mas com um detalhe: as crianças tinham o rosto como uma máscara, todas eram iguais. A imagem era impressionante!

Depois, quando o professor humilha o menino diante de toda a classe.

Enfim, a cena das crianças marchando com uniformes, em fila, direto para uma máquina...de moer carne.

Ou seja, a escola transformando as crianças numa massa uniforme.

O clipe desse grupo nada mais é do que a representação da sociedade capitalista e de um grito por socorro!

Quem ouvirá a dor latente daqueles que pagam com suas vidas, para a realização dos propósitos da classe dominante ?

Como entrar em uma sala de aula, indiferente à realidade cruel, presente em tantas vidas?

Ainda hoje, vendo professores mais parecidos com ditadores do que com seres humanos.

Realmente, não precisamos de uma educação baseada no controle, na ordem e na punição!

Depois dessa experiência de analisar o que a mídia, a tecnologia, enfim os meios de comunicação retratam, eu passei a entender que não existe uma informação inocente, mas que é necessário ter um olhar crítico e observador.

Exemplo simples é a novela, que faz parte do dia-a-dia de muitas pessoas no Brasil.

Ela parece inofensiva...

Ela é atrativa...

Porém... o que ela reflete ???

A perda dos valores! A propagação do racismo!

Nossos alunos e nós mesmos, somos bombardeados diariamente, por uma mídia que explora o consumismo, a distorção dos padrões familiares, o conformismo da divisão de classes.

Afinal de contas, nessas novelas, é comum trair, enganar, ludibriar, se separar e casar quantas vezes quiser... tudo é normal e o final sempre é feliz, sem dor ou culpa. Sem responsabilidades.

Outra realidade que estamos vivendo é a transformação da infância devido à mudança na realidade econômica, associada ao acesso das crianças à informações sobre o mundo.

Em contato com Kincheloe e Steinberg, na disciplina de Educação de 0 a 6 anos, obtive o conhecimento sobre o que significa a infância e a família pós-moderna.

Na infância pós-moderna, tudo é realizado sozinho, a criança é criada nos princípios do individualismo e solidão é para suprir a falta da família, os mesmos acabam se entretendo com jogos eletrônicos e coisas do mesmo gênero.

E o pior de tudo, a escola acaba por reforçar e estimular essa prática.

Em casa, a criança fica largada, pois a mãe precisa trabalhar. Na escola, a criança fica exposta, em parte, aos vídeos, na maioria da Disney, minando-lhes a inocência.

E não entendemos o por que da rebeldia das crianças ?

As crianças estão cada vez mais envolvidas em atos de violência... afinal...crime infantil e juvenil são fatos comuns atualmente.

A indústria do vídeo-game estabelece as regras, onde se tem permissão para curtir a morte.

Sem falar nos papéis delineadores do masculino e feminino: mulher subordinada ao homem, homem reprimido emocionalmente.

Como somos influenciados pela cultura americana!

Trabalhamos durante a semana e no fim-de-semana, assistimos filmes americanos para nos distrair.

Bom...essa é a nossa intenção, mas o que está por detrás de quem criou o filme, é bem diferente...

Exemplo disso é a comédia 'Esqueceram de mim'. Este filme retrata a família do final do século XX, fisicamente junto, mas cultural e emocionalmente fragmentados.

A mãe é o elemento provocador, planta as idéias que emergem como desejos do menino, deixando a dúvida de que cuidar da criança é responsabilidade da mãe e a culpa dela pelas fraquezas da família.

O pai é apagado, não recebe a culpa.

A criança se torna independente, com atos de maldade, disfarçados pela figura inocente, justificando o potencial inato de maldade em crianças.

Sem falar que fica claro a visão da diferença de classes sociais, onde se passa a imagem de que o 'pobre' é responsável pela sua condição, deixando o resto da sociedade livre de qualquer responsabilidade.

*“...A suposição da igualdade de oportunidade converte a todos, automaticamente, em ganhadores e perdedores, triunfadores e fracassados.*

*Não é por acaso que a cultura dos Estados Unidos da América, suposta terra de oportunidades, classifica obsessivamente as pessoas em Winner and Losers”. (Enguita, M.F. – A face oculta da escola).*

*“O neoliberalismo dos anos recentes e atuais, leva ao extremo os valores de individualismo, competitividade, sucesso, dinheiro, consumismo e diferenciação: Tais são os valores dominantes do neoliberalismo, cumprindo todos eles um papel na modelação das consciências e na subordinação aos desígnios do Sistema”.(Montes, 1996:41-“Avaliação, construindo o campo e a crítica”)*

Não é de se admirar ver em nossas salas de aula, o contexto da infância pós-moderna...história de crianças que assumem o papel de adultos, tendo que se auto criarem, pois a mãe, que normalmente faz o papel de pai e mãe, tem que trabalhar para manter como pode o seu lar.

Onde estão as nossas crianças ?

Que realidade infeliz !

Minha infância foi marcada por experiências que não vemos mais: brincar em contato com a natureza, subir em árvores, jogar pedrinhas, pular corda, enfim ser criança.

Do que as nossas crianças brincam atualmente ?

As que fazem parte de uma classe social privilegiada, se perdem entre jogos eletrônicos e de mídia.

As que fazem parte, a grande maioria, da classe social baixa, são largadas à própria sorte...sendo comum a violência e o individualismo.

Atualmente, leciono para uma classe de 2ª. Série, com 25 alunos, que são o retrato do exposto acima.

A formação teórica que recebi na universidade, vem totalmente ao encontro com a realidade dos meus alunos.

Raro é encontrar uma criança com o lar tradicional (pai, mãe e filhos vivendo num mesmo teto).

Normal é encontrar crianças vindas de lares totalmente desestabilizados física, emocional, psicológica e financeiramente.

Pais que não têm tempo de dar amor e carinho à seus filhos, pais que quando estão com seus filhos cometem abusos dos mais variados tipos.

Crianças descobrindo que sobrevive quem é mais forte.

No início do ano letivo, era comum em minha classe, brigas e palavrões.

Palavras como 'por favor', 'com licença' e 'me desculpe' inexistiam.

O comportamento de alguns alunos era marcado pela recusa, pela raiva, pela rejeição.

Infelizmente esses alunos receberam rótulos e para a maioria, a transformação seria impossível.

O pior é que as crianças com problemas de comportamento mais marcantes, eram as que apresentavam um déficit maior de aprendizagem, com histórico de mais de uma reprovação.

Mas eu não os via imutáveis.

Afinal, eu mesma fui uma pessoa marcada pelos rótulos impostos no decorrer de toda minha vida.

E quando vivemos um problema e nos colocamos no lugar do outro, deixamos de ser tão individualistas e egocentristas.

*“Se o professor possui uma maturidade pessoal, que lhe permite resolver suas próprias dificuldades, ele poderá ajudar a criança a viver e a resolver as suas...”(Mauco, 1979 p.166 – Psicologia e Psicanálise: (re) pensando o sujeito na educação, Pedroza e Almeida).*

Normalmente o que acontece com alunos com problemas de comportamento, ou com dificuldades de aprendizagem é a tendência à exclusão, pois não são 'normais'.

Estamos no mês de maio e o quadro da minha classe já é outro.

Rótulos não são eternos e nem verdades absolutas!

Qual foi a minha estratégia ?

Fugindo dos moldes da maioria...não fazendo uso da pedagogia conversadora.

Trabalhando com a criança, sabendo que ela é um ser sujeito à tristezas e alegrias, a momentos de vitória e momentos de derrotas.

Promovendo uma educação para a vida real, mostrando e buscando juntamente com as crianças alternativas contra a violência, aprendendo a negociar saídas para os problemas.

Refletindo sobre o que é avaliar e como avaliar.

Como consegui fazer isso ?

Através dos estudos e leituras durante minha formação superior.

A partir do momento que conseguimos identificar cada concepção e a que cada uma serve, temos um 'trunfo' em nossas mãos.

A minha diretora fala que se não sabemos o que queremos, uma coisa é certa: Precisamos determinar o que não queremos!

E o que eu não quero é fazer parte de concepções onde a escrita é reflexo da linguagem oral, a tarefa é a de decodificar um código, o ensino é mecânico e há prontidão para aprender e se o aluno não aprende é porque é desatento, rebelde e pouco inteligente.

*“Dizem que mais difícil do que adquirir novos conhecimentos é conseguir desprender-se dos velhos. Abandonar uma ideia supõe renunciar a uma parte de nosso pensamento – daquele que consideramos verdade durante muito tempo e deixar-se fascinar pelo insólito. E nesta capacidade de fascinação que reside o gérmen do progresso”. (Moreno, et al, 1999).*

Portanto, quando li sobre a 'Inteligencia Emocional', de Goleman, me identifiquei muito com a linha de pensamento dele.

Sabendo quem é nosso aluno, podemos ajudá-lo, fazendo uso de um processo de reeducação, estimulando a confiança (proporcionando no aluno, a sensação de muitas possibilidades de êxito, levando-o a sentir-se competente e eficaz), a

capacidade de comunicar-se, o auto-controle (capacitando-o a modular e controlar as próprias emoções da forma mais apropriada possível) e a cooperação (harmonizar as próprias necessidades com as demais, compreendendo e sendo compreendido).

Creio que o que possibilitou a transformação nessas crianças foi o fato de que elas não eram apenas um número, mas sim seres humanos.

Essas crianças estavam acostumadas a serem castigadas, que era um meio de se controlar os seus comportamentos.

Minha maior preocupação foi em estabelecer um vínculo com elas.

Tentei entender cada criança, analisando o meu comportamento, a minha prática em sala de aula.

*“Assim, a avaliação deve ser planejada e desenvolvida como um instrumento sempre a favor do aluno e do processo de apropriação do conhecimento”. (Leite, Sergio – A afetividade em sala de aula: as condições de ensino e a mediação do professor, p.135).*

Portanto, o meu foco é buscar o que é mais significativo para meus alunos, procurando fazer da avaliação um caminho que me possibilite refletir sobre a minha prática pedagógica.

É triste o reflexo que temos do quanto a avaliação pode prejudicar um aluno, limitando-o, reprimindo-o e até mesmo excluindo-o.

*“A avaliação torna-se profundamente aversiva quando o aluno discrimina que as consequências do processo podem ser direcionadas contra ele próprio”. ((Leite, Sergio – A afetividade em sala de aula: as condições de ensino e a mediação do professor, p.135).*

Na minha classe, tenho presenciado o quanto alguns alunos sofrem com a idéia de ter que fazer uma avaliação.

Alguns choram, outros se negam a realizar o que é proposto e a maioria tem a seguinte pergunta:

- E se eu tirar '1' ? Não vou para a 3ª. Série, não é mesmo ?

Sofro junto com eles, pois cada um está no seu processo de construção e a avaliação não é de acordo com o momento de cada um. É aplicada para todos como se fossem iguais.

O que fazer em relação à isto ?

Fala-se que a avaliação é contínua, onde o aluno é observado no todo, através da participação, frequência e desenvolvimento nas atividades...

Mas o que acontece não é isso, pois quando estou participando do crescimento dos meus alunos, percebo que os progressos de cada um, sendo que o que realmente importa é despertar o melhor na criança, procurando incentivá-los de todas as formas possíveis e imagináveis, mas quando eles começam a se 'erguer emocionalmente', chega a hora da avaliação bimestral!

O que fazer em relação à isto ?

Sei que alguns alunos ainda necessitam de mais tempo no seu processo de aprendizagem e naquele momento a avaliação somente irá mostrar que eles ainda não estão no ritmo da maioria da classe.

É frustrante, pois tenho que dar a menção e nesse caso será insuficiente, ou seja, a 'velha nota vermelha'.

Ora, se a 'avaliação é contínua', o processo de aprendizagem também é contínuo. Nesse caso, cada aluno deveria receber a menção de acordo com o seu ritmo e não de acordo com o ritmo geral da classe.

Onde fica então, o conceito de que planejar o ensino à partir do que o aluno já sabe sobre o objeto em questão, favorece o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa, promovendo o sucesso do aluno ?

Voltamos, então, na origem que se incorporou a função 'avaliar' de acordo com o discurso liberalista.

*“As funções da avaliação são potencialmente duas: O diagnóstico e a classificação. Da primeira se supõe que permita ao professor e ao aluno detectar os pontos fracos destes e extrair as consequências pertinentes sobre onde colocar posteriormente a ênfase do ensino e na aprendizagem. A segunda tem por efeito hierarquizar os alunos, estimular a competição, distribuir desigualmente as oportunidades escolares e sociais e assim sucessivamente. A escola prega em parte a avaliação com base na primeira função, mas a emprega fundamentalmente para a segunda função”.* (F, Enguita 1989, p.206).

Ora, a escola que conhecemos hoje é produto de uma sociedade que age de acordo com seu tempo, adaptando-se às mudanças.

Na época do feudalismo, o trabalho era totalmente artesanal, o trabalhador participava totalmente da produção, via o seu produto finalizado e sentia-se útil.

A aprendizagem para esse trabalho era feita pelo ensino mestre-aprendiz, aonde o artesão trabalhava em sua própria casa, não sendo preso à horários estabelecidos.

Com a busca por adquirir bens e acumulá-los, juntamente com o progresso da ciência e da tecnologia, o artesão passa a ser o operário em um sistema capitalista, sendo visto como uma máquina.

A criança também passou a não mais necessitar do mestre, mas sim de um lugar aonde aprendesse as normas e interesses da sociedade.

*“Era preciso inventar algo melhor. Inventou-se e reinventou-se a escola, criaram-se escolas aonde não as havia, reformaram-se as existentes e nelas introduziu-se, à força, toda a população infantil. A instituição e o processo escolares foram reorganizados de forma tal que as salas de aula se converteram no lugar apropriado para acostumar-se às relações sociais do processo de produção capitalista, no espaço institucional adequado para se preparar as crianças e os jovens para o trabalho”.* (Enguita, M.J. – A face oculta da escola, p. 30-31).

*“As instituições sociais boas são as que melhor sabem apagar a natureza do homem”.* (Rosseau, 1979:3).

O trabalho precisava ser rápido, onde os empresários passam a cobrar a melhoria da escola pública, precisa-se de trabalhadores que tenham mais condições em termos de formação.

A minoria da população teria essa formação e o restante ficaria na produção, aonde não se exigia tanta formação.

A escola foi inserida nas condições de gerar lucro, carregando o discurso liberal de que a educação é para todos e se houver fracasso, a culpa é do aluno, que não se esforçou o suficiente.

Agora, entendo o por que do modelo tradicionalista na educação, aonde o professor bom é aquele que tem 'domínio' sobre a classe, aonde o silêncio reina, os alunos são passivos e obedientes.

É uma realidade atual no nosso campo de trabalho, nos deparamos com professoras julgando e avaliando suas colegas de trabalho.

Falas que fazem parte do cotidiano, do tipo: "Você já viu a sala da professora 'B' ? Ela é muito boa professora! Não se ouve uma voz por lá, os alunos são umas gracinhas, ficam todas sentadas o tempo todo!"

"Sim, é de dar inveja! Mas a sala da professora 'C'.... meu Deus! Como ela consegue dar aula ? Cada dia os alunos estão em uma formação diferente, trabalhando em grupos ou em duplas. Que trabalho! Que bagunça! Ela nem parece ser uma professora!"

Infelizmente, no nosso meio de trabalho, não há união.

O comum é vermos concorrências e disputas entre os professores.

Também é comum vermos professores rotulando os alunos.

"O aluno 'A' ? Olha, tenho pena de você! Aquele aluno é, e sempre será um aluno problema! Ele é assim desde a 1ª. Série. Não tem jeito, ele não vai mudar nunca. Provavelmente será um bandido."

Fico me questionando porque ainda não vemos mudanças significativas no nosso meio ?

Porque é tão difícil mudar ?

O que fazer com uma sociedade aonde os grupos dominantes exerce o poder na política, na construção do Estado, nas leis e nos currículos escolares, deixando a maior parte da população abandonada à própria sorte ?

O que fazer diante da realidade de um trabalhador assalariado que é considerado como alguém que tem um trabalho 'livre e digno', mas que serve à um produto alienador, não usufruindo do suor de suas próprias mãos, pois se é o dono do capital usufrui do retorno do fruto desse trabalho ?

Como passar por cima de tanta hipocrisia e tanta falta de humanidade para com os outros ?

Quantos de nossos alunos terão a oportunidade de cursar ensino superior ?

Afinal, as universidades públicas recebem quem em seus cursos ?

Nosso sistema não prepara nossos alunos para 'enfrentar' um processo seletivo.

Mas a classe dominante sim. Os filhos daqueles que tem condição financeira para custear um ensino de qualidade é que irão usufruir o ensino superior gratuito.

Qual é a realidade dos nossos alunos ?

Eu leciono em uma escola rural, aonde é comum alunos faltarem por estarem trabalhando na lavoura, ajudando seus pais a manter o seu lar.

O que presenciamos é um contexto social, onde dele fazem parte filhos de mães suicidas, de pais adúlteros, de lares destruídos, de avós sofridos, aposentados, doentes, ganhando o mínimo para sobreviverem, crianças que ou estudam ou trabalham para não passarem fome.

Como ser indiferente à esta realidade ?

Qual é o nosso papel na vida dessas crianças ?

Que tipo de professores nossas crianças conhecerão, na sua caminhada escolar ?

Se iniciarmos nossa contagem desde o ensino infantil até o ensino médio, será uma média de 20 a 30 professores ?

Cada um deles com uma tendência própria, com seus valores e preconceitos, uns indiferentes, outros amargos descarregando seu fel por onde passam, e apenas uma minoria tentando questionar o sistema dominante.

Creio que a transformação social somente ocorrerá quando os professores, coordenadores, diretores, enfim todos aqueles que fazem parte do sistema educacional, souberem como a escola funciona, a quem ela atende, para que e para quem ela quer formar.

Nesse meu processo de formação, tive contato com um filme chamado “Bang Bang... Você morreu!”.

O filme conta à história de um adolescente em crise que tenta assustar a turma com uma suposta bomba.

Só que essa bomba não explode, a finalidade era de chamar a atenção sobre o que estava acontecendo na escola com seus amigos.

Esse adolescente era um estudante promissor, até começar a passar problemas com um grupo de alunos burgueses.

Cito algumas falas desse adolescente, que podem exprimir seu significado marcante:

- “Uma bomba, todos mortos, corredores com sangue....vítimas de um louco”.

- “Sim, a escola deveria ser um lugar de cultura e crescimento. Mas a primeira coisa que me aconteceu foi a perda de minha identidade. Tiraram-me o direito de viver.”

- “Ninguém sabe o que passamos nestes corredores, aonde querem nos transformar à força.”

- “Agora, busco lutar para resgatar a minha identidade roubada.”

Também cito algumas frases dos burgueses:

- “Todos tem que passar pelo corredor do lixo, aonde as pessoas certas para serem pisadas estão”.

- Nós? Não somos maus, claro que não! O lugar é nosso!

- Existimos para dominar. Que mal há nisso? Sempre foi assim e assim será !

O filme termina quando os professores estão em uma sala e o adolescente mostra um vídeo, com todas as cenas do tal corredor do lixo, onde ficava evidente a violência da turma de dominadores.

Sinceramente, foi um choque cultural assistir esse filme que retratou tão bem a realidade das nossas escolas.

É necessário repensarmos o nosso papel na vida de cada criança/aluno, principalmente com aquela que apresenta algum problema de comportamento.

Trabalhamos à favor dessas crianças ou simplesmente as excluimos, por estarem fora dos padrões da normalidade ?

Quando planejamos as atividades da semana, pensamos em como elas irão afetar cada uma dessas crianças/alunos?

Será um estímulo ou um gerador de conflitos destrutivos ?

Por que será que temos tantas crianças com problemas de comportamentos? Sendo que no intervalo essas mesmas crianças, brincam com alegria e sem violência ?

Sempre tive dúvidas quanto à minha postura com meus alunos.

Envolve-me muito com cada criança e não consigo manter uma postura indiferente e autoritária.

Minha classe costuma ser sempre composta de alunos ‘falantes’, trabalhamos em grupos, somos parceiros e amigos uns dos outros.

Será que isto é errado ?

Sou uma pessoa bastante flexível, disposta a lutar por cada aluno, ajudando-o em relação a sua auto-estima e construção do conhecimento.

Felizmente, depois de ler tantos textos na Universidade, me deparei com autores que explicavam a questão da afetividade em sala de aula.

Que alívio !!!

Senti-me muito mais segura, sabendo que tenho um respaldo teórico para a minha prática como educadora.

*“O domínio da classe dependerá da forma como o professor organizar o seu trabalho, de modo a garantir a realização daquilo que foi proposto. A liberdade do aluno não invade a necessária autonomia e autoridade do professor de organizar e administrar o tempo, o espaço e as condições em que deve ocorrer a aprendizagem... O grande equívoco está em imaginar a liberdade como um fim e não com um meio para aprender”. (Sanny S. Da Rosa – Construtivismo e mudança, pg.52).*

*“Pedir atenção à criança é exigir um esforço abstrato que a fatiga excessivamente, chegando na maioria das vezes à inibi-la. O professor, portanto, deve procurar descobrir atividades e situações que toquem de perto o aluno, promovendo seu interesse, que é a grande força da atenção”. (Wallon, 1929)*

Consegui entender que disciplina não significa obter alunos quietos e passivos, independente do que isso lhes causa.

O mais importante é construir um ambiente, aonde a criança se sinta respeitada, valorizada e compreendida, podendo ser espontânea e aprender sem ter medo de errar.

Também entendi que o caminho da aprendizagem, começa através de um problema e com a necessidade de resolvê-lo, que os erros não são um instrumento de pressão sobre os alunos, mas uma rica fonte de orientação para a prática pedagógica.

A melhor definição que solucionou muitas das muitas dúvidas quanto à afetividade em sala, foi através de Dantas no texto “A afetividade em sala de aula”, de Sergio Leite e Elvira Tassoni:

*“...é possível concluir que a afetividade não se limita apenas às manifestações de carinho físico... conforme a criança vai se desenvolvendo, as trocas afetivas vão ganhando complexidade.  
...adequar a tarefa às possibilidades do aluno, fornecer meios para que realize a atividade confiando em sua capacidade, demonstrar atenção às suas dificuldades e problemas, são maneiras bastante refinadas de comunicação afetiva”. (Dantas, 1993).*

Bom, mudando um pouco de assunto, aqui estou eu, Adelaide, no papel de aluna, produzindo uma atividade com base em minhas memórias, relatando como minha formação no nível superior serviu para a transformação e a resolução de dúvidas...

Como já disse, foi sendo aluna que consegui me colocar no lugar dos meus alunos.

Quero relatar um pouco do que aconteceu comigo enquanto aluna.

Recentemente, em nossa escola, tivemos as avaliações bimestrais e acabei tendo que, infelizmente, dar uma menção I (vermelha), para quatro crianças.

Senti-me arrasada por isso! Mas só fui perceber o que essa sensação causa realmente quando me vi diante da possibilidade de eu mesma receber uma menção I (vermelha) no meu trabalho, de saber que poderia ser reprovada se meu trabalho não estivesse nos padrões acadêmicos.

Foi na aula de terça-feira, com nossa orientadora Luciana.

Estava ela explicando, como o memorial seria avaliado, até que mencionou que haveria menção S para aprovados e I para os reprovados.

Que o memorial deveria ter no mínimo 20 páginas, não menos que isso.

Lembro que meu comentário na hora foi:

“Nunca mais darei ‘I’ para meus alunos! Que sensação horrível!”

Estou fazendo o melhor que posso, mas e se não for compatível com o que desejam? E se meu relato for insuficiente?

E se quando estiver na 15ª. Folha e não conseguir escrever mais nada?

Sinceramente, fiquei com muita angústia e medo, vontade de chorar e até tive ânsia de vômito por dois dias.

Como passei mal!

Meu Deus! Eu mesma já fiz isso com meus alunos!

“Olha, você precisa escrever pelo menos 10 linhas, certo?”

Realmente, nosso trabalho exige muita reflexão!

Me senti igual aos relatos que li no artigo ‘Avaliação como apoio à aprendizagem’, de Dolores Quinquer.

Quando a professora diz que temos que fazer a avaliação, fico muito nervosa, sinto calafrios e peso na consciência.

A avaliação é como o final de uma estrada que não se vê. O final é como o resultado de todo o caminho percorrido.

Sinto meu coração disparar e digo: E se fracasso? O que acontecerá? Penso se conseguirei ou fracassarei no final, será fácil ou difícil, mas então quando faço a prova e me saio bem, fico com a consciência tranquila.

Realmente, só quando vivemos um conflito, temos como nos colocar na posição de outra pessoa... deixamos de ser tão individualistas e egocentricos.

Foram 3 anos longos, rodeados de tantas emoções, desafios e dificuldades...

Meu primeiro conflito foi a dificuldade que eu tinha para deixar meu marido e meu filho em casa para ir estudar.

Apesar de estar realizando o meu grande sonho pessoal, eu me sentia dividida. Não queria ficar fora de casa, mas em casa eu não realizaria meu sonho.

Depois, veio o cansaço físico, acordar às 5:45 da manhã para ir trabalhar, limpar a casa, fazer minhas atividades escolares à tarde e à noite ir para a faculdade, retornando para casa somente por volta da meia-noite. Chegava com uma fome enorme. Comia alguma coisa e ia para a cama quase à 1 hora da manhã. Poucas horas de sono...horário sempre contado...

Acabei adoecendo...Adquiri uma depressão, que foi ficando pior a cada que se passava.

Meu estado de saúde era lastimável, chorava à toa, os remédios me deixavam dopada. Mas isso ainda era só o começo.

Acabei piorando tanto que essa depressão se tornou em síndrome do pânico. Meu corpo, minhas emoções não correspondiam ao esperado.

Eu não era uma estudante universitária normal.

Estar em uma sala de aulas e ter que ser, praticamente carregada pelas colegas, para fora da sala de aula, devido aos acessos de pânico, não era nada agradável.

Agradeço à todas as minhas amigas e aos meus professores pela paciência e amizade que tiveram por mim.

Lutei com todas as minhas forças. Muitas pessoas me ajudaram e sou grata a todas.

Mas algumas falavam mal de mim por trás, sem saberem do meu estado de saúde.

A sensação de fracasso e incapacidade era enorme.

Sem falar na vergonha que eu sentia cada vez que passava mal.

Dores nas costas, frio e calor ao mesmo tempo, tremor pelo corpo todo, fraqueza, ansia de vomito, sensação de desmaio, falta de ar, crises de choro e a sensação de que estava morrendo, eram os sintomas que eu sentia. Sem mencionar a solidão que me abatia.

Foi um período de batalha constante, sendo que meu maior inimigo era eu mesma, devido às emoções reprimidas durante toda a minha vida.

Quando eu pensava que estava melhorando, outra enfermidade aparecia. Cálculos renais, dores lombares, inflamações e cistos nos ovários e por fim, vários nódulos no fígado.

Sinceramente, não sei como consegui chegar até aqui...

Foi necessário pedir por mais de uma vez a licença domiciliar.

O medo e a angústia eram constantes.

Entrar com o pedido, aguardar pela resposta e ler, mas ler muito mesmo, para entregar os exercícios em licença domiciliar.

No semestre passado em 2004, eu estava em regime domiciliar e afastada da minha sala de aula, devido à um acidente de carro quando estava indo para o trabalho, na zona rural, e que foi um dos agravantes do meu estado de saúde física e emocional. Lembro-me que de tanto escrever, pois eram muitos os textos para ler e resumir, que fiquei com muita dor nos braços e nas mãos.

Eu sentava na cadeira e do lado colocava um balde cheio de água quente com álcool, para colocar minha mão e aliviar as dores.

Só consegui parar de ter dores nas mãos recentemente, o que foi um grande alívio para mim, pois não queria mais uma enfermidade.

Quantos rótulos tentaram colocar em mim.

Nem sei...só sei que aqui estou eu terminando esse memorial, enquanto aguardo ansiosamente pela resposta do PROESF.

Precisei ficar 30 dias em repouso absoluto, há dois meses atrás, devido à suspeita de hernia de disco na coluna e lombalgia. Entrei com o pedido de afastamento e pensei que seria aceito.

Para minha tristeza, depois de 45 dias, recebi a notícia de que meu pedido havia sido negado e que só me restava trancar a matrícula e iniciar novamente o semestre, porém... seria somente daqui a um ano, para coincidir com as disciplinas restantes.

Continuei frequentando as aulas mesmo assim, não disse nada para minhas amigas. A cada comentário 'Reta final!', 'Estamos próximos de nos formar!', 'Está faltando pouco!', eu sentia vontade de chorar e uma profunda tristeza.

Ter que esperar mais 1 ano para começar o semestre novamente ? Tudo de novo ?

Foi um golpe forte demais para mim! Mas não desisti!

Agendei um horário com a supervisora do curso e expliquei a ela toda a minha situação. Levei todos os exames, os laudos médicos e até mesmo as receitas dos medicamentos que estou tomando.

Ela me orientou a entrar com um pedido de reavaliação do meu caso.

Fiz isso na semana passada e agora estou aguardando a resposta.

Pois é... aqui estou eu, fazendo meu memorial, pois o prazo final chegou, sem nem mesmo saber se conseguirei a vitória de receber uma resposta positiva.

Só me resta confiar em Deus, que sabe o que é melhor para minha vida e que tudo está em suas mãos.

E apesar dos rótulos, das pressões e decepções, encontrei muitos professores e colegas de classe maravilhosos! Sim, ainda há esperança para todos nós.

*“... pode-se afirmar que as ações e os comportamentos discriminatórios, dirigidos a um alvo específico, concretizam-se em relações interpessoais mediadas por estereótipos, que funcionam como biombos entres os diversos atores da situação. Ou seja, a partir de mensagens transmitidas em relações anteriores e/ou advindas dos meios de comunicação, predefinimos: o outro é assim, se sente assim, pensa assim, age assim... E esse 'assim' é uma camisa-de-força com a qual envolvemos nosso interlocutor e dialeticamente a nós mesmos...”*(Smolka, A.L e Nogueira, A.L.H).

*É difícil dizer como será a escola do futuro.*

*“...Elas serão lugares agradáveis...Os estudantes irão à escola não por que serão punidos por faltarem, mas porque se sentirão atraídos por ela.*

*Os estudantes passarão mais tempo na escola, uma vez que suas mães irão se profissionalizar...*

*Os estudantes serão livres para se orientarem para assuntos particularmente interessantes e em si mesmo reforçadores....*

*Os professores terão mais tempo para falar com seus alunos... Serão como conselheiros, provavelmente permanecendo por mais de uma ano e tendo oportunidades de conhecerem melhor seus alunos...*

*O ensino não só será uma profissão satisfatória, como também fatalmente remunerada".(Skinner, B.F)*

Com essas citações, finalizo meu memorial, tendo a certeza de que uma escola melhor não é um sonho impossível e que apesar de todas as dificuldades **EU**

**VENCI!!!!**

***Estou realizando um sonho, que me parecia totalmente impossível !!!***

## Bibliografia

Leite, Sergio e Tassone, Elvira. "Psicologia e formação docente: desafios e conversas", "A afetividade em sala de aula". São Paulo, Editora: Casa do Psicólogo, 2002.

Calatayud, M. Amparo. "Avaliação como apoio a aprendizagem" Artigo publicado em aula de inovação educativa, no. 76 Nov-1998.

Sobrinho, D. J. "Avaliação: Construindo o campo e a crítica". Florianópolis, Editora Insular, 2002.

Souza, S. Z. "Avaliação do rendimento escolar" pág 46, Editora Papyrus, 1991.

Enguita, F. M. "A face oculta da escola" pág. 6 – Porto Alegre, Ed. Artes médias, 1989.

Pedroza, S. L. R. e Almeida, C. J. S. "Psicologia e Psicanálise: (re) pensando o sujeito na educação". Doca Revista Paulistana de Psicologia e Educação.

Sanny, L. "Construtivismo e mudança". São Paulo: Cortez, 2000.

Enguita, F. M. "A face oculta da escola: O trabalho atual como forma histórica". Porto Alegre, pag. 6

Afonso, J. A. "Avaliação Educacional: Regulação e emancipação para uma sociedade das políticas avaliativas contemporâneas. São Paulo, Editora Cortez, 2000

Severino, A. J. "O homem, a natureza e o trabalho: a ordem econômica da sociedade". São Paulo, Editora Cortez, 1996.

Ludke, M. E Mediano, Z. "Avaliação na escola de 1º. Grau: (Uma análise sociológica)", Campinas-SP. – Editora Papyrus, 1992.

Brandine, M. "Caminhos entre a prática e a reflexão: Da angústia do pensar". Campinas-SP. Editora da Unicamp e centro de memória, 2001.

Cunha, M. V. "Psicologia da Educação". Rio de Janeiro, Editora DP&A, 2000

Skinner, B. F. "Questões recentes na Análise Comportamental". Campinas-SP. Editora Papyrus, 1904-1990.

Tura, M. "Durkheim e a Educação", Rio de Janeiro, Editora Quartet, 2001.  
Kincheloe, J.L. e Steinberg, S.R. "O Advento da infância pós-moderna". Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 2001.

Smolka, A.L.D. e Nogueira, A.L.H.. "O desenvolvimento cultural da criança: Mediação, Dialogia e (Inter)Regulação". São Paulo, Editora Moderna, 2001.

Skinner, B.F. "Questões recentes na análise comportamental". Campinas-SP. Editora Papyrus, 1995.